

Aprenderemos?
Espiritualidade indígena – Fraternidade amazônica
Vivendo com o povo Munduruku¹

Walter Andrade Parreira

É madrugada ainda. É escuro ainda. Chove. Chove muito. Faz muito frio, um frio de cortar. Está gelado. Estamos no inverno amazônico – são seis meses de chuvas torrenciais e de frio. Eles não têm grandes coisas para proteger o seu corpo, eles partem quase nus. Mas estão agasalhados pelo Espírito, recebem de Karosakaibu² o calor. É preciso mais?

Os seus filhos têm fome e é preciso partir. O rio está agitado sim, há ondas fortes sim, e suas canoas são pequeninas. Embora eles sejam os mestres-canoeiros (eles são os Munduruku³, os “Cortadores de cabeças”, os “filhos-do-sol” e os “filhos-da-lua”), há risco de naufragarem, sim. Mas eles sabem, sem dúvida, que “o maior naufrágio é não partir”⁴ – eles sabem, sobretudo, que a única morte é não viver.

E eu aprendo com eles.

Ao partirem, um pedido de licença aos espíritos que habitam os animais e plantas que serão abatidos, para que estes possam ser transformados no alimento de que o seu povo necessita. Um ritual que expressa a relação do índio com o sagrado: o animal é sagrado, o fruto é sagrado, a floresta é sagrada. Tudo é sagrado... e, a vida, uma permanente celebração.

Eles entoam uma oração de gratidão àqueles *seres* que serão abatidos porque, graças a eles, seus filhos e mulheres sobreviverão. E uma oração em que dizem à vida que sabem e compreendem que eles próprios, também, um dia, serão o alimento da terra e de outros seres.

E eu aprendo com eles.

E, abençoados, partem. Vão em busca da pupunha, da mandioca, da matrinxã, da paca, do veado e da anta.

¹ Experiência narrada no livro: *Tawé, Nação Munduruku – Uma Aventura na Amazônia*. Parreira, Walter Andrade. Belo Horizonte: Mosaico Produção Editorial, 2018 (3ª.edição).

² O Deus Munduruku.

³ Munduruku (*Monjoroko*): povo indígena que habita o Sudeste do Amazonas, o norte do Mato Grosso e o Sudoeste do Pará. São conhecidos como os “Cortadores de cabeças” por sua tradição guerreira: quando hostilizados ou invadidos, decapitavam os inimigos, mumificavam suas cabeças e as penduravam em paus em torno de suas aldeias, de modo a formar um cinturão de proteção “sobrenatural” e afugentar os invasores. São conhecidos também como os “filhos-do-sol” e os “filhos-da-lua”, uma estratégia que a sua história construiu de se dividirem em duas linhagens, para evitarem casamentos consanguíneos e assegurarem a sua sobrevivência e perenidade.

⁴ KLINK, Amyr. *Cem dias entre céu e mar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Quando os seus cestos contêm o que precisam para hoje, quando obtêm o que necessitam para o dia de hoje, tomam suas canoas e retornam para a aldeia. Eles colhem apenas o que vão comer *hoje*. Eles não *guardam* para amanhã, eles não *acumulam*, eles não têm, sequer, meios de conservação de alimentos. Eles desconhecem a propriedade privada – se não guardam e não acumulam nem o alimento, como haveriam de acumular outras coisas? Eles sabem que a mata lhes oferece, todos os dias, o que necessitam. Se encontrarem uma manada de queixadas (porcos do mato), eles abatem apenas um ou dois, apenas o que precisam para hoje. Mesmo sabendo que amanhã a manada não passará novamente por ali. Eles não se perguntam de que se alimentarão amanhã, embora nunca tenham e nunca saibam, hoje, o que comerão no dia seguinte. Eles sabem que a cada dia basta o seu cuidado.

“A cada dia basta o seu cuidado – não vos preocupeis com a vossa vida, acerca do que haveis de comer, nem com o vosso corpo, acerca do que haveis de vestir. Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem fazem provisões nos celeiros. Observai os lírios do campo, não tecem nem fiam, e nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles”(…) “Não vos aflijais, pois, dizendo: que comeremos? Que beberemos? Que vestiremos? Não vos preocupeis pelo dia de amanhã; o dia de amanhã terá as suas preocupações próprias. A cada dia basta o seu cuidado.” (Mt. 6.25-6.34⁵).

Amanhã será um novo dia... e esse dia ainda não chegou e não há com o que se preocupar. Assim, eles não têm celeiros, eles são aquelas aves que voam livres nos céus, aqueles lírios que florescem e encantam... eles apenas são encantados e encantam.

Ninguém cuida da floresta melhor do que o índio, ninguém tem mais carinho pela mata, pelos animais e plantas. Ninguém, mais do que ele, sabe como a terra, o rio, as árvores e todos os seres são sagrados. Ninguém é mais *cuidadoso* e, em palavras pós-modernas, mais ecológico e mais capaz de preservar do que ele. E, por isso, a floresta é pródiga com ele e lhe agradece todos os dias. Ela deita um galho de uma árvore para que ele possa colher o fruto, ela lhe encaminha um peixe e uma caça para alimentar os seus filhos. A mata se entrega a ele, sob a forma de planta ou de animal, como um jardim cria e entrega amorosamente uma flor ao seu cuidador. O jardineiro colhe a flor, o índio *colhe* a paca, a folha, a raiz, o peixe. A mata e o índio vivem uma feliz integração, uma relação de cuidados recíprocos, de harmonia e comunhão.

E eu vou aprendendo com eles.

E, lá pelo meio da tarde, eles retornam, nós os recebemos em suas canoas. E, como um ritual, eles colocam, sobre uma mesa que ocupa o centro da aldeia, tudo o que a vida lhes deu naquele dia. Está claro: o centro da sua vida é a fraternidade, a partilha e a solidariedade. E esse ritual guarda dois significados que os seus filhos, desde pequenos, começam a

⁵ *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2003.

aprender, como eles próprios aprenderam com os pais, e estes, com os seus antepassados. O primeiro é um agradecimento, uma celebração à vida porque ela lhes ofereceu aquele alimento – é o ofertório, preparando para a comunhão. Estamos vivendo a mística da mesa. O segundo é um ensinamento, que eles também passam para os seus filhos: tudo, *tudo* o que colheram na natureza está ali, exposto e disposto sobre aquela mesa. Com isso, eles querem celebrar e ensinar aos curumins: *tudo é de todos*, ninguém possui coisa alguma. Os pronomes possessivos estão equivocados, nada é *meu*, nada é *seu*. Eles conhecem apenas um desses pronomes: *nosso*. Tudo o que se produz pertence a todos. Ninguém guarda coisa alguma para si. Tudo é repartido. É hora da partilha. Tudo está lá, na mesa, no centro... lugar de se repartir o pão.

A partilha, a fraternidade e a solidariedade são os fundamentos da sua existência e da sua sociedade: quando a roça de uma aldeia fracassa, pode-se colher na roça de outra aldeia, sem necessidade sequer de avisar ou de pedir. O seu modo de vida pode ser expresso numa frase: “Como eu posso estar bem se o meu irmão não está?”.

E eu me pergunto: estou aprendendo? Serei capaz de aprender isso?

E entendo porque um missionário escreveu algo que li quando fui me encontrar com esse povo incomum e admirável: “*Eu vim para catequizar o ‘selvagem’ e ignorante, eu vim para evangelizar o índio, mas, ao conhecer a sua vida, entendi: não sou eu quem vai evangelizar o índio – ele é que vai me ensinar, eu quem vou aprender o Evangelho com ele. Pois o Evangelho está nele, na sua forma de viver, na sua atitude de respeito e de amor pela vida e pelo irmão. Está presente na sua própria vida, integrado no seu dia-a-dia.*”

Os índios não leem a Bíblia, eles *vivem* a mensagem e os ensinamentos do Cristo, sem nunca os terem lido.

Nossa civilização tem muito a aprender com eles! ...Aprenderemos?

Este texto está publicado no livro:

PARREIRA, Walter Andrade. *A Busca chega ao Encontro – Consciência, Meditação e Transcendência sob a luz dos ensinamentos de Nisargadatta Maharaj, Ramana Maharshi e outros mestres da Não-dualidade*. Belo Horizonte: Mosaico, 2021 (pág; 227 a 232)